

VÁRIA ESCRITA

SINTRA

1998

N.º 5

SUMÁRIO

CECÍLIA BARREIRA, EM TORNO DO CONCEITO DE HISTÓRIA EM ALEXANDRE HERCULANO — JOÃO MEDINA, AS GUERRAS COLONIAIS EM ÁFRICA E A LITERATURA PORTUGUESA ACTUAL (1961-1974) — FERNANDO MOREIRA, OS «AMIGOS POLÍTICOS» EM SINTRA NOS FINAIS DO SÉCULO XIX — JORGE DE MATOS, JOSÉ ALFREDO DA COSTA AZEVEDO E A PRESENÇA MAÇÓNICA EM SINTRA — JOÃO GABRIEL ROCHA, SINTRA NA *CRÓNICA DE EL-REI D. JOÃO I* — LUÍS MARTINS, PADRE ANTÓNIO VIEIRA E O ANO DE 1666.

ESCRITAS EM DIA: ÉLVIO MELIM DE SOUSA, PEDRO AUGUSTO DOS ANJOS TEIXEIRA.

ANNABELA RITA, NA CASA DE TEOLINDA — JOÃO RODIL, FÁBULA DO RIO DAS MAÇÃS - UM POEMA PERDIDO — ÁLVARO PINA, CONHECER A COMUNIDADE, CONTAR A NAÇÃO, AUTORIZAR A CULTURA — RICARDO ANTÓNIO ALVES, FERREIRA DE CASTRO E REINALDO FERREIRA — PAULA REGINA LUCKHURST, FERREIRA DE CASTRO E A BATALHA: *SUPLEMENTO LITERÁRIO ILUSTRADO* — ÉLVIO MELIM DE SOUSA, EUNICE DA SILVA ANDRADE, COLECÇÕES MUSEOLÓGICAS CONSERVADAS NA CASA DE LEAL DA CÂMARA - (I - MOBILIÁRIO) — IRENE LIMA ARRAIS DE CASTRO, CONTRIBUTOS PARA UM ESTUDO DE SINTRA E O SEU TERMO ENTRE 1527 E 1838 — EUGÉNIO MONTOITO, A CASA MUNICIPAL DE SINTRA — MARIA TERESA CAETANO, COLARES, O ESPAÇO E O TEMPO. A PROPÓSITO DA ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO QUE HÁ NAQUELA VILA — JORGE DE MATOS, A SALA DE BILHAR DO PALÁCIO DA QUINTA DA REGALEIRA — PAULO PEREIRA, A QUINTA DA REGALEIRA E A HISTÓRIA DA ARQUITECTURA

FERREIRA DE CASTRO E A BATALHA: SUPLEMENTO LITERÁRIO ILUSTRADO

PAULA REGINA LUCKHURST*

Ao falarmos da obra de Ferreira de Castro lembramo-nos, de imediato, dos seus romances. Mesmo aqueles que a conhecem menos bem, não hesitam em apontar *A Selva* e *Os Emigrantes* se lhes pedirmos para citarem um ou dois títulos deste escritor. Quem aprecia o seu trabalho e sente prazer em lê-lo, conhece, talvez, também as novelas, aquelas obras do período «antes da glória», para usar uma expressão de Alberto Moreira. Mas, concerteza, poucos podem dizer que conhecem, de Ferreira de Castro, a obra jornalística e, contudo, não é menos interessante como espelho de uma época e para melhor compreensão do percurso mental do autor.

Neste pequeno trabalho tentaremos dar um pequeno contributo para o conhecimento da obra jornalística de Ferreira de Castro, dedicando-nos apenas a um jornal onde ele colaborou assiduamente: o suplemento literário ilustrado de *A Batalha*.

PORTUGAL NAQUELE TEMPO: PANORAMA POLÍTICO, SOCIAL E ECONÓMICO

Quando Ferreira de Castro voltou a Portugal, naquele dia 9 de Setembro de 1919, trazendo sonhos na bagagem, não esperou, talvez, encontrar tantas dificuldades em prolongar cá o sucesso

* Serviço de Arquivo e Documentação da Câmara Municipal de Sintra.

literário e jornalístico que, depois de tanta luta e provações, alcançara no Brasil.

Reinava a instabilidade e a crise a todos os níveis.

Os governos sucediam-se. De 1919 a 1925, Portugal conheceu mais de 20 governos.

Em Dezembro de 1918 Sidónio Pais era assassinado. Sucederam-lhe Canto e Castro. Após meses de agitação social, eleito a 6 de Agosto de 1919, sobe à presidência da república António José de Almeida.

As revoluções sucediam-se. Os atentados a tiro e à bomba eram frequentes.

Nesse ano, em Santarém, deflagra um movimento revolucionário para o restabelecimento da Constituição de 1919 que Sidónio Pais alterara.

Os Monárquicos tinham proclamado a Monarquia do Norte e em Monsanto reuniram-se aos de Lisboa, bombardeando a cidade e intimando-a à rendição.

Em 1920 houve uma revolta militar em Lisboa e, na sede da Juventude Socialista, rebentaram várias bombas.

Em Outubro de 1921 outra revolução, seguida de grande onda de crimes, derruba o governo de António Granjo, do conservador Partido Liberal, nascido em 1919 dos Partidos Evolucionista e Unionista. É assassinado juntamente com Machado Santos, Carlos da Maia, Freitas da Silva, Cor. Botelho de Vasconcelos e Carlos Gentil.

Do ponto de vista económico, Ferreira de Castro encontrou um país com um défice de vários milhões de libras e com desvalorização inflacionária da moeda.

Com o fim da guerra, as questões económicas e sociais tinham-se agravado e a permanente crise política impedia a solução das outras.

O período de tempo que compreendia os primeiros anos da década de vinte, incluindo o ano de 1919, foi de grande afirmação da classe operária que se organizava em sindicatos predominantemente anarquistas.

Assiste-se à criação da Confederação Geral do Trabalho, que sucedeu à União Operária Nacional, de cariz anarquista, e à assinatura do Tratado de criação de 8 horas de trabalho diário, no que resultava em 48 horas de trabalho semanal para a maioria dos trabalhadores e de 42 horas para os empregados bancários e

de escritório e à aprovação que estabelece seguros sociais obrigatórios.

Contudo, todas estas medidas não foram do agrado da população que as considerava burguesas e de fraca realização prática.

O resultado foi uma sucessão de greves, de manifestações e de confrontos com as forças governamentais.

Em 1919 houve um total de 35 greves. Parte delas eram originadas pelos baixos salários dos trabalhadores — os funcionários públicos ganhavam menos que antes da guerra — outras eram de solidariedade com determinada classe operária — como no caso das greves gerais.

Em Janeiro, no Porto, fizeram greve os empregados telégrafo-postais. Em Março, os oleiros de Sacavém. Em Abril, os estucadores e decoradores de Lisboa e os trabalhadores da Cuf, no Barreiro, além de uma geral em Viana do Castelo. Ainda nesse mês, e continuando em Maio, os corticeiros, numa greve geral. Os do município de Lisboa foram para a greve em Abril e Maio. E como se não fossem já bastantes, ainda em Abril, fizeram greve também os metalúrgicos.

No mês de Maio, além das já referidas greves dos do município de Lisboa e dos corticeiros, fizeram também os funileiros e latoeiros, do Porto, os da Companhia de Gás, de Lisboa, os da Companhia da Água, também de Lisboa, e os da Carris. Os oficiais e aprendizes de alfaiataria, os oficiais de cerâmica, os dos geradores eléctricos, os da Companhia de Moagens, os cesteiros e empalhadores, de Lisboa, os pedreiros, de Tires, os da construção naval, do Barreiro, e os tanoeiros, do Porto, também fizeram greve em Maio.

Em Junho, assistimos às greves dos gráficos de Imprensa, dos marceneiros e a uma greve geral, no Barreiro, em solidariedade para com os da construção naval, que se estendeu a todo o país.

Em Julho é a vez dos funcionários, que se prolonga até Setembro, e a dos fabricantes de móveis.

Em Agosto, são os condutores de carroças de Lisboa e os das travessias fluviais de Lisboa e Porto que recorrem à greve.

Em Novembro são os professores primários e universitários e em Dezembro, de novo, os operários da Carris, do município de Lisboa e os ferroviários.

Em Março desse ano, há um grande comício em Évora contra a carestia de vida e o desemprego e, em Agosto, em resposta

à subida de preços e à organização do mercado negro pelos comerciantes, o povo da Guarda assalta os estabelecimentos de víveres.

Em Outubro, é preso grande número de operários que assistiam a um comício de protesto em Lisboa também contra a carestia de vida.

Pelo mesmo motivo houve uma manifestação no Porto.

Em Novembro, houve diversas manifestações contra as tentativas patronais para alterar o regime legal de 8 horas de trabalho diário, visto as entidades patronais terem decidido, em Congresso realizado em Lisboa, nesse mês, resistir às reivindicações operárias.

Setembro desse ano apresenta-nos vários Congressos: o II Congresso Nacional de Construção Civil, o II Congresso Nacional Operário — que deu origem à criação da CGT portuguesa — o IV Congresso Nacional dos Caixeiros, o II Congresso Operário da Indústria de Calçados, Couros e Peles e o Congresso Cooperativo Nacional, todos em Coimbra, à excepção dos caixeiros, que foi em Santarém.

Um assunto que originou grande agitação social foi a «questão do pão». Depois de más colheitas e da redução de importação de trigo decorrente da guerra de 1914-1917, foi preciso os governos de 1919 a 1923 concederem um subsídio aos padeiros para que o custo do pão não fosse tão alto.

Em Setembro de 1920 há uma manifestação em todo o país contra o aumento do preço do pão. Foram assaltadas as padarias de Lisboa e houve confrontos entre a população e a polícia, tendo como consequência vários feridos.

No ano seguinte, em Abril, explodem bombas à porta de várias padarias e em Agosto de 1922 é proclamada, em Lisboa, uma greve geral pelo tipo único de pão.

Como vimos pelos exemplos apresentados, havia grande instabilidade a todos os níveis: político, social e económico.

A BATALHA

A 23 de Fevereiro de 1919 aparece em Lisboa o primeiro número de *A Batalha*, propriedade da UON e, mais tarde, da CGT.

Tem como Redactor Principal Alexandre Vieira e está predestinado a desempenhar um papel fundamental na vida do proletariado.

Fosse como órgão informativo ou de formação, destinavam-se sempre os seus artigos às classes trabalhadoras, em sua defesa e ataque às entidades patronais. Integrava-se perfeitamente no contexto histórico da época. Naquela tempo de agitação social e política e de instabilidade económica, os artigos d'A *Batalha* reflectiam os anseios da classe operária e o seu desencanto em relação à república que não respondeu às suas expectativas.

Era um jornal de protesto e revolta, de contestação, de alarme, de luta, de tendência libertária e anarquista.

Dados os constantes ataques aos vários governos, foram presos em sua casa a 6 de Maio de 1919 Alexandre Vieira, José Maria Gonçalves, Santos Aranha e Manuel Afonso, dirigentes sindicais.

A 18 de Junho desse ano, o governo manda encerrar a redacção de *A Batalha* ao mesmo tempo que as sedes da UON e da Federação da Construção Civil e em 24 de Julho é submetido este jornal à censura prévia.

Em 1920, a 19 de Março, é fechada a sede da CGT, a administração e as oficinas de *A Batalha* por ordem do governo e a 25 desse mês, o jornal é apreendido. A 30 de Agosto de 1922 a CGT convoca uma greve geral por causa dos sucessivos assaltos e apreensões do jornal.

A 8 de Agosto de 1922 é proibida a circulação de *A Batalha* ao mesmo tempo que é invadido o Sindicato dos Metalúrgicos, é encerrada a CGT, a USOL e são feitas buscas domiciliárias e prisões. Em consequência, há rebentamento de bombas.

Apesar de tudo, *A Batalha* continua a informar e a denunciar, a ponto de Sá Cardoso e o Senador Ribeiro de Melo se demitirem por causa da campanha levada a cabo pelo jornal.

A Batalha viu, a 26 de Maio de 1927, serem destruídas as suas instalações pelas autoridades da ditadura militar.

Termina aí a sua função de diário e aparece como semanário até 1930, passando a clandestino de 1934 a 1949.

A BATALHA: SUPLEMENTO LITERÁRIO ILUSTRADO

Em 3 de Dezembro de 1923 e até 31 de Janeiro de 1927, publica *A Batalha* um suplemento literário, ilustrado, semanal, que publicou, até ao encerramento, 166 números.

Publicava à 2ª feira, dia da folga do jornal diário.

A Redacção, a Administração e a Tipografia situavam — se na Calçada do Combro, 38-A, 2º e a Oficina de Impressão na Rua da Atalaia, 114, 116. O telefone era o 5339.

Custava 50 centavos (500 réis). A assinatura trimestral era de 6\$00, a semestral 12\$00 e ao ano custava 24\$00.

A sua dimensão era de 40 cm. e tinha 8 páginas.

Tinha como Redactor Principal Carlos José de Sousa e Editor Carlos Maria Coelho. Mais tarde teve como Director Manuel da Silva Campos e depois Santos Aranha.

Contava com a colaboração de Alexandre Vieira, Adelaide Cabete, Adolfo Lima, Campos Lima, Carvalhão Duarte, Carneiro de Moura, Cristiano Lima, Eduardo Frias, Julião Quintinha, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Pinto Quartim, entre outros e, sobretudo, Ferreira de Castro.

Os seus artigos destinavam-se aos trabalhadores e suas famílias também. Contava com uma página de entretenimento infantil — sempre a última de cada número — que incluía contos, adivinhas, lenga-lengas, etc. e que tinha como título «Chico, Zéca & Cª». Tinha também um artigo de divulgação médica elaborado pela médica Adelaide Cabete. Eram conselhos de saúde e higiene.

Havia outros que se chamavam «Todos devem saber...: conhecimentos úteis e vulgarização científica» e ainda «O que todos devem saber: aproveitemos os nossos momentos de descanso para nos instruímos um pouco». Esta última rubrica incluía, por vezes, uma outra com o título «Curiosidades».

Era um jornal de informação e de formação, não esquecendo a parte importante da distracção mas, sobretudo, as suas páginas denunciavam continuamente as difíceis condições de vida dos operários em oposição à dos patrões, muitas vezes ilustrando com anedotas e caricaturas oportunas as situações difíceis com que eles se debatiam dia a dia.

FERREIRA DE CASTRO E O SUPLEMENTO

No Espólio de Ferreira de Castro existente no Museu com o mesmo nome, em Sintra, podemos contar algumas dezenas de exemplares de *A Batalha: Suplemento Literário Ilustrado* onde podem ler-se cerca de uma centena de artigos do escritor que

versam, regra geral, três assuntos-base: Literatura, Arte e Sociedade, misturando-os, por vezes, falando de literatura não só por si própria mas também do ponto de vista social e da sua influência na sociedade.

Fala da sociedade com sentimentos de humanidade e solidariedade em relação aos seus semelhantes. Versa os problemas da infância, a condição da mulher, os direitos humanos, a liberdade.

Não se debruça só sobre assuntos nacionais mas, na sua mentalidade internacionalista, abarca o mundo. Escreve acerca de autores estrangeiros como Zola mas lembra-se também de Camilo.

Trata do problema das deportações mas não esquece os mouros de Marrocos.

Na sua constante análise do social, assina uma rubrica semanal com o título «Motivos para águas-fortes», onde analisa personagens da vida quotidiana com que ele depara e se comove, como é o caso de «Uma figura na noite» e «A mulher desgrenhada que estende a sua mão num gesto súplice».

Também uma outra rubrica sua são os «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade», onde pode ver-se, pelo título, como ele se interessa sobretudo pela Vida, pelos seus semelhantes que integram a Sociedade e que a Arte e a Literatura são meios de descrevê-la, de chamar a atenção sobre ela .

A OBRA DE FERREIRA DE CASTRO NO SUPLEMENTO

Passaremos agora a apresentar a colaboração de Ferreira de Castro neste semanário que revela uma parte importante da sua passagem pela Imprensa Periódica.

Incluiremos as novelas que ele publicou neste jornal assim como qualquer artigo que lhe faça referência.

Como metodologia, decidimos seguir uma ordem cronológica.

1923

Ano I

nº 2, 10 de Dezembro, p. 3

«A situação dos literatos em Portugal: ai duma sociedade que não conta com o apoio dos seus intelectuais!»

Antet.: «Predestinados da miséria»

nº 3, 17 de Dezembro, p. 5

«O calvário da personalidade: não queiramos que o nosso semelhante seja uma sombra de nós mesmos».

nº 5, 31 de Dezembro, p. 4, 5

«A geração nova ante os bonzos da tirania»

Antet.: Legionários do passado

1924

nº 7, 14 de Janeiro, p. 5, 6

«A missão da crítica ante os ‘traços’ da obra artística»

nº 9, 28 de Janeiro, p. 4, 5

«Um só minuto!»

nº 12, 18 de Fevereiro, p. 1, 2

«Da arte de escrever à arte de sugerir»

Antet.: «As novas tendências literárias»

nº 14, 3 de Março, p. 4, 5

«Gandhi, o revolucionário indiano»

Antet.: «Sobre um livro de Romain Rolland».

nº 15, 10 de Março, p. 4-6

«Os intelectuais alemães e a sua situação perante os intelectuais latinos»

Antet.: «Arte e pensamento sem fronteiras»

nº 26, 26 de Maio, p. 4, 5

«Os segredos da noite»

nº 28, 9 de Junho, p. 4, 5

«O esforço da mulher na vida moderna: a cooperação feminina em todos os ramos da actividade humana: a exploração capitalista sobre a mulher produtora: mulher independente não quer dizer mulher masculinizada»

Antet.: «A revolução em marcha»

nº 29, 16 de Junho, p. 4, 5

«A morte do touro».

nº 30, 23 de Junho, p.5,6

«O imortal Zola: a propósito da estatua que lhe é erguida em Paris, salienta -se o que na sua obra existe de eterno».

nº 32, 7 de Julho, p. 3

«A boca da esfinge: novela de Eduardo Frias e Ferreira de Castro»

Antet.: «Através dos livros»

nº 32, 7 de Julho, p. 4, 5

«Os espectadores da morte: a sensualidade e a estética das execuções públicas: o homem ante as visões sangrentas»

nº 33, 14 de Julho, p. 4, 5

«A princesa bailarina ante a verdade da vida»

Antet.: «A lenda de Salomé».

nº 34, 21 de Julho, p. 3, 6

«O poeta e a selva perante a revolução social»

Antet.: «Rabindranath Tagore».

nº 35, 28 de Julho, p. 4-6

«A epopeia anónima»

nº 36, 4 de Agosto, p. 5, 6

«Os falsos personagens: o sentido da realidade na Literatura: os dois Evangelhos: os processos do materialismo: as algemas da psicologia»

Antet. :»A arte e a vida

nº 42, 15 de Setembro, p. 1, 2

«A campanha de Marrocos: a península rapace e escravizadora: o papel dos intelectuais: os algozes dos mouros e os algozes da Espanha»

Antet.: «Cruzada de sangue»

nº 43, 22 de Setembro, p. 3

«A verdade na literatura: o perigo da banalidade: o sonho e a realidade: o papel da Arte Social: a reacção mística»

Antet.: «A arte e a vida»

nº 44, 29 de Setembro, p. 4

«A obra do pintor espanhol Inácio Zuloaga»

nº 46, 13 de Outubro, p. 3

«A morte dos apóstolos e o triunfo das suas idéias»

Antet.: «Sobre Ferrer...»

nº 48, 27 de Outubro, p. 4, 5

«O século-movimento terá o seu fulcro na grande revolução»

Antet.: «Um destino a cumprir»

nº 50, 10 de Novembro, p. 4, 5

«O piano desdentado»

Antet.: «Motivos para águas-fortes»

nº 51, 17 de Novembro, p. 4, 5

«Uma figura da noite»

Antet.: «Motivos para águas-fortes»

Ano II

nº 53, 1 de Dezembro, p. 1, 2

«Os falsos templos da Ciência e da Arte: o que fazem e o que deviam fazer os intelectuais reunidos nas Academias»

Antet.: «Sobre um gesto de Graça Aranha»

nº 54, 8 de Dezembro, p. 5, 6

«O homem que abraçava todas as mulheres e que foi preso e condenado: algumas reflexões sobre o lar, o amor e a liberdade do indivíduo»

Antet.: «O problema dos sexos»

nº 55, 15 de Dezembro, p. 4, 5

«Sadoul e Wrangel; Evadidos; Um pintor modesto; o 'box' e o amor»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 56, 22 de Dezembro, p. 2

«Anatole e Camilo; a caridade cristã»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 56, 22 de Dezembro, p. 6

«A mulher desgrenhada que estende a sua mão num gesto súplice»

Antet.: «Motivos para águas-fortes»

n.º 57, 29 de Dezembro, p. 4

«Lograr a posteridade...; rosas do Inverno»

Antet.: Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

1925

nº 58, 5 de Janeiro, p. 2

«O que se escreve e o que é necessário escrever para educação das crianças»

Antet.: «Literatura infantil»

nº 59, 12 de Janeiro, p. 5

«O direito de matar; literatura judaica»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 60, 19 de Janeiro, p.1

«Blaco Ibañez e seus detratores de hoje que eram seus admiradores de ontem...»

Antet.: «Sobre um folheto insincero...»

nº 60, 19 de Janeiro, p. 5, 6

«O príncipe dos escritores; os sacrifícios transcendentales»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 61, 26 de Janeiro, p. 1

«O Camões»

Antet.: «Motivos para águas-fortes»

nº 62, 2 de Fevereiro, p. 2

«Morto pelo frio; a trilogia sinistra; «salon» de Outono»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 63, 9 de Fevereiro, p. 23

«O encanto do mar; a imperatriz Zita»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte; a Vida e a Sociedade»

nº 64, 16 de Fevereiro, p. 1, 2

«A grande manifestação: «E no dia seguinte os exploradores abriam os seus cofres, organizavam as suas forças e pediam uma implacável vingança contra aqueles que na véspera lhes haviam perdoado»

Antet.: «A fera à solta...»

nº 64, 16 de Fevereiro, p. 2

«Agitação; o carnaval»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 64, 16 de Fevereiro, p. 3

«Os novos valores não se podem revelar no teatro sem a chancela de um organismo official»

Antet.: «A liberdade da arte»

nº 65, 23 de Fevereiro, p. 2

«O trágico cortejo; ainda o carnaval»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 65, 23 de Fevereiro, p. 3

«O escravo redimido»

Antet.: «Os contos do Suplemento»

- nº 66, 2 de Março, p. 2
«Estratégia literária; o presidente do Chile»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 67, 9 de Março, p. 4
«Exortação à mocidade»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 68, 16 de Março, p. 4, 6
«Guido de Verona: a sua obra como arte e como elemento social; o papel da mulher nos livros de Verona: a situação do escritor perante os reaccionários da Itália»
Antet.: «Os grandes escritores estrangeiros»
- nº 68, 16 de Março, p. 2
«Camilo; justiça colonial»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 69, 23 de Março, p. 2
«A escravatura branca; literatura feminina»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 69, 23 de Março, p. 4
«O ouro de Israel e a situação da raça proscrita»
Antet.: «Sobre um livro de Mário Saa»
- nº 70, 30 de Março, p. 2
«Tarde falaram...»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 71, 6 de Abril, p. 2
«O Teatro Nacional»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 71, 6 de Abril, p. 4
«O sonho e a vida: «só o sonho é bom, porque ele é a mentira da Vida, o anestético da Dor»»
Antet.: «Sobre dois livros novos»

nº 72, 13 de Abril, p. 3

«As rosas olvidadas...»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 73, 20 de Abril, p. 6

«Os heróis pretéritos; a epopeia dos cárceres»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 74, 27 de Abril, p. 6

«Tom Mix; a força»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 75 — 95, 4 de Maio — 21 de Setembro, p. 4, 5

«A epopeia do trabalho»

nº 75, 4 de Maio, p. 2

«A felicidade na terra...; os manuscritos de Zola»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 76, 11 de Maio, p. 4

«Os exploradores da fé; as múmias vivas...»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 78, 25 de Maio, p. 4, 5

«A sociedade e o problema infantil»

nº 83 — 84, 29 de Junho — 6 de Julho, p. 5, 6

«Rocha Martins como novelista: o sentido social das suas novelas»

Antet.: «Ensaio literários»

nº 79, 1 de Julho, p. 5, 6

«O cinema moderno; a utilidade dos patriotas»

Antet.: «Ecos da semana: A Arte, A Vida e a Sociedade»

nº 91, 24 de Agosto, p. 4

«O regresso: as almas na literatura»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

- nº 92, 31 de Agosto, p. 4, 5
«A alma da flor»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 93, 7 de Setembro, p. 4, 5
«A derrocada; ideologia»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 94, 14 de Setembro, p. 4, 5
«As hostes de Abd-el-Krima; a lápide quebrada»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 95, 21 de Setembro, p. 4, 5
«Os segredos da urna»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 95, 21 de Setembro, p. 4
«Nova carta a uma veraneante»
Antet.: «O casamento e «cada qual à sua maneira»»
- nº 96, 28 de Setembro, p. 5
«Campo de Lombroso; os falsificadores de vocábulos; ideologia»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 97, 5 de Outubro, p. 6
«Os cómicos anónimos»
Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»
- nº 97 — 101, 5 de Outubro — 2 de Novembro, p. 1, 2
«O significado do julgamento»
Antet.: «As metamorfoses da justiça»
- nº 98 — 101, 12 de Outubro — 2 de Novembro, p. 5
«Regionalismo e internacionalismo: resposta a José Dias Sanches»
Antet.: «A arte e a vida»

nº 98, 12 de Outubro, p. 5

«A única atitude lógica»

nº 99, 19 de Outubro, p. 2

«A causa negra; os peregrinos; o livro de Archinoff»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 102, 9 de Novembro, p. 5

«Justiça popular; os bárbaros; os conferencistas patriotas»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 102, 9 de Novembro, p. 4

«Lendas de lirismo e de amor: por Ferreira de Castro»

Antet.: «Através dos livros»

nº 104, 23 de Novembro, p. 2

«As cinzas...; rejuvenescer...»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 104, 23 de Novembro, p. 5, 6

«Quem fomenta a ‘publicidade exagerada’ e quem edita os ‘maus livros’, prejudicando a cultura popular»

Antet.: «Editores e autores»

nº 105, 30 de Novembro, p. 4

«O bom teatro; o crepúsculo dos ditadores»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 105, 30 de Novembro, p. 4

«O perigo do classicismo: como rebeldes devemos repudiar o classicismo, que é inimigo de todo o anseio literário»

Antet.: «A arte e a vida»

Ano III

nº 106, 7 de Dezembro, p. 4

«A máquina na arte contemporânea»

Antet.: «A arte e a vida»

nº 106, 7 de Dezembro, p. 5

«A camioneta sinistra; profissão vantajosa»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 107, 14 de Dezembro, p. 3

«Diamantes negros; leituras galantes»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 107, 14 de Dezembro, p. 5, 6

«O espírito perante a máquina»

Antet.: «A arte e a vida»

nº 108, 21 de Dezembro, p. 6

«O carrasco da liberdade; os homens de bem»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

nº 109, 28 de Dezembro, p. 4

«Os intuitos sociais da actual literatura italiana»

Antet.: «A arte e a vida»

nº 109, 28 de Dezembro, p. 4

«A vingança do negro; mudança de critério»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

1926

nº 110, 4 de Janeiro, p. 1, 2

«As deportações como afronta à nossa época e à nossa mentalidade: é necessário não olvidar aquilo que políticos corruptos, traficantes de todas as ideias, cúmplices de todas as negociatas escandalosas, olvidam por conveniência pessoal»

Antet.: «Indiferentismo que humilha»

nº 110, 4 de Janeiro, p. 6

«A morte do 'boxeur'; o duelo»

Antet.: «Ecos da semana: a Arte, a Vida e a Sociedade»

n° 111, 11 de Janeiro, p. 2

«Algumas deduções sobre a peça «Homens de hoje»»

Antet.: «O espelho côncavo»

n° 118, 1 de Março, p. 6

«A arte moderna ante a sociedade actual»

n° 124, 12 de Abril, p. 1

«O culto da literatura branca: a primeira consequência do ambiente reaccionário em que vivemos»

Antet.: «A arte e a vida»

n° 126, 26 de Abril, p. 4, 5

«As características da literatura branca: a sua adulação à burguesia, o seu aspecto mercantil, a orfandade de ideias, o amor e o preconceito, o lar e a religião como elemento de lisonja»

Antet.: «A arte e a vida»

n° 127, 3 de Maio, p. 4

«O teatro mercenário e a literatura branca: uma inversão dos preconceitos, o arrojo na cena e na novela, o reacionarismo literário»

Antet.: «A arte e a vida»

n° 128, 10 de Maio, p. 5

«Os perigos da literatura branca: a sua influência no espírito feminino, as novelas que são espadas ao serviço da Igreja e da burguesia»

Antet.: «A arte e a vida»

n° 128, 10 de Maio, p. 4

«As afirmações de Wells no seu «Esquema de História Universal» e a solidariedade humana»

Antet.: «O exemplo de um grande novelista»

n° 130, 24 de Maio, p. 4

«O significado da actual greve de estudantes: uma geração conservadora que, para obter justiça, serve-se dos recursos da vanguarda»

Antet.: «Livros fechados...»

nº 145, 6 de Setembro, p. 1

«O culto do eufemismo perante uma situação que exige palavras concretas»

Antet.: «De regresso...»

nº 148, 27 de Setembro, p. 1, 2

«O triste aspecto moral de um homem que trouxe à Europa o génio sul-americano»

Antet.: «O escritor Ruben Dario»

nº 156, 22 de Novembro, p. 4

«A epopeia do trabalho»

Com a apresentação da colaboração de Ferreira de Castro no Suplemento d' *A Batalha* esperamos contribuir para a divulgação de uma parte da obra deste autor que é menos conhecida, embora represente apenas um segmento desta sua vertente. Muitos foram os jornais onde Ferreira de Castro colaborou, mas foi, sem dúvida, este um daqueles onde melhor se enquadrou, pela sua mentalidade e pelas suas ideias, reflectindo os anseios de uma época.

Julho, 1998